

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: O MUSICAL (I)
1 e 6 de junho de 2026

THERE'S NO BUSINESS LIKE SHOW BUSINESS / 1954

Parada de Estrelas

Um filme de Walter Lang

Realização: Walter Lang / Argumento: Phoebe e Henry Ephron, segundo uma história de Lamar Trotti / Fotografia: Leon Shamroy / Música: Irving Berlin / Supervisão Musical: Alfred Newman, Lionel Newman / Coreografia: Robert Alton / Art Directors: Lyle Wheeler, John de Cuir / Som: E. Clayton Ward, Murray Spivack / Montagem: Robert Simpson / Interpretação: Ethel Merman (Molly Donahue), Donald O'Connor (Tim Donahue), Marilyn Monroe (Vicky), Dan Dailey (Terrance Donahue), Johnny Ray (Steve Donahue), Mitzi Gaynor (Katy Donahue), Richard Eastham (Lew Harris), Hugh O'Brian (Charles Gibbs), Frank McHugh (Eddie Duggan), Rhys Williams (Padre Dineen), Lee Patrick (Marge), Eve Miller, Lyle Talbot. Produção: Darryl F. Zanuck, para a 20th Century Fox / Produtor: Sol C. Siegel / Cópia: DCP, Cinemascope, versão original legendada eletronicamente em português / Duração: 116 minutos / Estreia Mundial: Nova Iorque, 3 de dezembro de 1954 / Estreia em Portugal: Tivoli, 19 de fevereiro de 1955.

Realizado por Walter-Lang, THERE'S NO BUSINESS LIKE SHOW BUSINESS tem um interesse menos que relativo no campo do musical e nada acrescenta na utilização do ecrã largo em voga desde o ano anterior. O seu mérito, no primeiro caso, talvez seja o de proporcionar o desfile duma série de melodias de Irving Berlin, da que dá o título ao filme a "Alexander's Ragtime Band", embora as sucessivas variações em várias línguas desta última custem um pouco a suportar. Mas de resto, o ritmo sincopado das melodias de Berlin contribui ainda para manter uma certa frescura a um filme equilibrado, sem dúvida, mas de onde está ausente qualquer novidade ou inventiva cinematográfica. Lang (Walter!) responsável por alguns dos mais "respeitáveis" pastelões da Fox, de SENTIMENTAL JOURNEY a WITH A SONG IN MY HEART, assinou também muitos dos musicais desta companhia, do curioso MOON OVER MIAMI (1941) ao inenarrável CAN CAN (1960). De um a outro, passando pelo insuportável THE KING AND I feito logo a seguir a THERE'S NO BUSINESS... testemunha-se um estilo sempre igual a si próprio, limitando-se as diferenças de tamanho da tela (ecrã normal, Cinemascope, Todd-Ao) a contribuírem para o alargamento do campo de visão, a ampliarem a janela, sem qualquer preocupação estética. No campo da utilização do Scope, este filme, THE ROBE e HOW TO MARRY A MILLIONAIRE são o exemplo prático do que dizia Lang (Fritz!), de que ele só servia para filmar enterros e serpentes. Não era bem assim (mas tudo se perdoa ao autor de MOONFLEET) mas não por culpa dos exemplos referidos. No caso de THERE'S NO BUSINESS... o uso do Scope é de natureza essencialmente prática (valha-nos isso) permitindo a utilização integral do palco com poucos cortes de montagem. Sendo na sua forma musical um mero desfile de números de palco, o ecrã largo cumpre naturalmente a sua função decorativa. Contemporâneo de A STAR IS BORN de Cukor, e de BRIGADOON de Minnelli, THERE'S NO BUSINESS... não empalidece apenas no que se refere à utilização do Scope. No campo do musical, neste período de "declínio" recheado de tantas pedras preciosas, o filme de Lang (Walter!) retoma o modelo do musical pré-M.G.M./Arthur Freed, que a Fox continuou a cultivar mesmo depois da revolução que se verificou no género (as exceções são poucas e entre elas o genial GENTLEMEN PREFER BLONDES de Hawks): um argumento recheado de clichés sobre uma família de actores de vaudeville, intercalado com números musicais por eles interpretados. Clichés que vão dos números que acompanham o aumento dos Donahues, a peça de "tearjerk" que é a despedida de Steve que escolhe a carreira eclesiástica e que se despede da vida "civil" com "If you believe", outras do mesmo tipo

que são a “queda” de Tim (Donald O’Connor), e o reencontro final da família com os “Five Donahues” juntos pela última vez, e as banalíssimas sobreposições que ilustram a busca de Terry com imagens do seu passado (modelo que Woody Allen parodiaria com tanta ternura em *THE PURPLE ROSE OF CAIRO*). Clichês que são também de encenação dos números musicais que, após uma função biográfica, acompanhando a evolução da família Donahue, se limitam a servir de pontuação e suporte a um argumento já excessivamente gasto. A única ressalva, e vale a pena destacá-la, é o número “A man chases a girl” cantado e dançado por Donald O’Connor após o beijo de despedida a Marilyn, em que o intérprete de *SINGIN’ IN THE RAIN* dança com as estátuas que se animam. É a única vez em que o filme se escapa à atmosfera “realista” para assumir o lado onírico do musical.

Se como filme e como musical *THERE’S NO BUSINESS LIKE SHOW BUSINESS* não é obra que fique na história, já tudo muda de figura quando se trata da presença de Marilyn Monroe, e parece ter sido feito de propósito para ilustrar a frase de João Bénard da Costa, no que é talvez o mais belo texto que jamais se escreveu sobre a “deusa”, publicado no catálogo do Cinema Americano dos Anos 50: “bastava que surgisse para tudo ser luz”. A luz em *THERE’S NO BUSINESS* surge ao fim de 30 minutos e antes tudo era bíblica treva apesar do porfiado esforço dos restantes membros do elenco. E a irradiação é de tal ordem que cega. Não lhe vemos o rosto mas já o adivinhamos: o louro do seu cabelo enche de imediato a tela mal a vislumbramos, de costas no bengaleiro do cabaret, antes de um número musical (“After you get what you want, you don’t want it”) que impõe a rendição incondicional. Depois, o filme vive do compasso de espera para um novo ressurgir no “hot”: “Heat Wave”: um boletim meteorológico daqueles podia a RTP passar diariamente sem preocupação com o estado do tempo; o ritmo coleante e os movimentos sinuosos de Marilyn bastavam para elevar as temperaturas. Mas esse movimento, esse “wriggling and squirming” que o crítico Bosley Crowther lamentava (!) depois de ter admirado Marilyn, alcança o ponto máximo da sensualidade em “Lazy”, onde contracena com Donald O’Connor e Mitzi Gaynor (se repararem neles!). Em poucos outros momentos a voltaremos a ver: no beijo escaldante (que faz despertar as estátuas?) a O’Connor e no encontro com Ethel Merman e o filho padre, antes do final em que todos, em conjunto, cantam o “There’s no business like show business”.

Já então Marilyn era a super-vedeta. As receitas registadas per *GENTLEMEN PREFER BLONDES* (um dos dez filmes mais lucrativos de 1954) e *HOW TO MARRY...* deram à Fox à noção de que tinham uma verdadeira mina de ouro nas suas mãos (o que era exacto). Mas também, já então, os conflitos íntimos e com a companhia atingiam o seu pleno. Marilyn casada com Joe di Maggio queria afirmar-se como actriz contra tudo (o poder da companhia) e contra todos (o próprio Di Maggio que não via com bons olhos o êxito da estrela). Após *RIVER OF NO RETURN*, a Fox quis impingir-lhe um medíocre argumento intitulado *THE GIRL IN PINK TIGHTS* que ela recusou apesar das ameaças de procedimento judicial. Aceitaria participar neste *THERE’S NO BUSINESS* por se tratar de um “tribute to Irving Berlin” (o compositor, que apreciou particularmente as criações de Marilyn, chegou a afirmar que aquelas melodias teriam sido “hits” no seu tempo se tivessem sido interpretadas por uma Marilyn) e logo a seguir no filme de Billy Wilder, antes do grande conflito com a Fox em 1956. Também a sua insegurança e os seus complexos de inferioridade estavam na origem dos permanentes atrasos que a punham em choque com os restantes membros da equipa. Walter Lang dizia que ela era incapaz de entrar no espírito do grupo e que estava no espectáculo porque era “the hottest thing in the business then”. Era-o de facto. E a prova é que se *THERE’S NO BUSINESS LIKE SHOW BUSINESS* hoje ainda aquece é devido ao calor que dela emana.

Manuel Cintra Ferreira